



PROJETO MÁRIO TRAVASSOS

Artigo de Opinião

**A MULHER NA LINHA DO ENSINO MILITAR BÉLICO NO
EXÉRCITO BRASILEIRO: DESAFIOS E CONSIDERAÇÕES**

Barbara Gomes Lima – 1º Ten

(opinião de inteira responsabilidade do autor)

1. INTRODUÇÃO

O artigo 7º da Lei 12.705 de 08 de agosto de 2012, estabeleceu que: “o ingresso na linha militar bélica de ensino seria permitido a candidatos do sexo feminino deveria ser viabilizado em até 5 (cinco) anos a contar da data de publicação desta Lei” (BRASIL, 2012).

Desta forma, no Exército Brasileiro, em cumprimento a Lei 12.705 de 08 de agosto de 2012, a partir de 2017, a primeira turma com integrantes do sexo feminino adentrou aos portões de EsPCEEx e, em 2021, esta mesma turma de oficiais da linha militar bélica composta por homens e mulheres, Turma Dona Rosa Da Fonseca, se formou, na Academia Militar das Agulhas Negras (BRASIL, 2021).

Em 2017, 440 alunos ingressaram na EsPCEEx sendo, 400 homens e 40 mulheres. Deste efetivo de mulheres que ingressou em 2017, ao final de 2021, apenas 23 mulheres se formaram na AMAN. 57,5% do efetivo de mulheres conseguiu se formar como oficial combatente. Enquanto que, no universo masculino, o índice de aprovação foi de 86,25 % (345 homens se formaram) (BRASIL, 2021). A discrepância dos índices de reprovação feminino (42,5%) e masculino (13,8%), pode estar relacionada ao fato da formação do militar combatente do sexo masculino já estar consolidada enquanto a formação da militar combatente do sexo feminino estar apenas engatinhando.

De certo que a formação do sexo masculino possui décadas de experiência e a inserção do sexo feminino é algo novo e, como tudo que é novo, além de causar um certo desconforto para alguns, é normal que tenhamos alguns exageros tanto para mais quanto para menos, mas buscando sempre acertar. É por isso que se faz mister a discussão desses desafios enfrentados durante a formação e a elaboração de propostas e ideias que integrem efetivamente as mulheres de forma a obter uma formação mais igualitária possível para homens e mulheres.

2. DESENVOLVIMENTO

Inserir as mulheres no ensino militar bélico foi sim um grande passo porém, as desigualdades não são superadas do dia para a noite durante a formação e nem durante toda a carreira militar. Muitas são as nuances de desigualdades encontradas no dia a dia.

Na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, os pelotões são compostos em média por 28 a 30 alunos, tendo 2 ou 3 mulheres em cada. O fato das mulheres representarem uma parcela bem pequena, correspondendo em torno de 10% do pelotão, por si só já arrasta uma percepção de desigualdade e, a separação em alas diferentes aumenta essa percepção.

Além da separação em um alojamento único podemos citar a questão do treinamento físico militar, que também, durante décadas, foi preparado para a formação do homem e não da mulher e, por último, o que pode parecer até meio tolo inicialmente todavia possui grande repercussão, é a questão dos uniformes que, apesar de serem previstos no Regulamento de Uniformes do Exército os uniformes

femininos, com a rotina intensa na formação bélica, alguns ajustes precisam ser realizados para diminuir as desigualdades.

2.1 INSTALAÇÕES

Como tudo já estava funcionando para a formação de homens, a inserção de mulheres precisou reformular o contexto de alojamentos e instalações em geral. Evidente que, tudo foi pensado da melhor forma possível, para receber as futuras oficiais combatentes de maneira adequada no entanto, o fato do alojamento feminino ser único e separado das companhias de alunos (Cia Al), além de gerar um maior deslocamento alojamento-companhia por parte das alunos, limita a convivência no âmbito companhia e pelotão uma vez que os grêmios das Cia Al não podem ser utilizados pelas alunos.

O fato do alojamento feminino ser mais novo e com box de chuveiros individualizados também gera nos alunos um sentimento de desigualdade. O alojamento único feminino gera alguns conflitos de padronização por parte das Cia Al e prejudicam a convivência em um ambiente mais descontraído como o grêmio e a divisão de tarefas de organização e limpeza que é realizada em conjunto com pelotão e Cia Al, o que acaba segregando as alunos do seu pelotão que passam a ter essa experiência com as alunos de outras Cia Al. O espírito de corpo acaba sendo trabalhado, de forma segmentada: alojamento feminino nível corpo de alunos e alojamento masculino das Cia Al nível companhia. Isso prejudica a interação entre os alunos e as alunas.

Na EsPCEEx, emprega-se o teste sociométrico no qual é possível verificar a opinião de cada membro do pelotão em relação as atitudes de seus pares (Krausz, 2018). Este teste é bastante comum nos pelotões e, via de regra, as alunos não são bem votadas positivamente pelos alunos. O que atrapalha de certo modo a avaliação atitudinal das alunos pelo comandante de pelotão. Uma alternativa seria a implementação de testes sociométricos para medirem a interação entre as alunos nível alojamento feminino.

Uma sugestão para equiparar as condições de alojamento e instalações seria transformar algum apartamento do 1º andar das Cia Al em alojamento feminino dentro da própria Cia Al. Desta forma, teríamos um apartamento feminino para as 14 alunos em cada Cia Al, nos mesmos moldes do masculino, com beliches, armários e o banheiro, com chuveiros iguais aos do banheiro masculino, salvas as proporções para o tamanho do efetivo. Desta maneira, os grêmios das Cia Al que hoje encontram-se na parte superior, ocupariam o lugar dos banheiros masculinos ao fundo das Cia Al na parte inferior e, os banheiros masculinos passariam para a parte de superior onde hoje são localizados os grêmios.

Desta forma, a limpeza, organização, e convivência seria exercida por todos dentro das Cia Al, em um ambiente único.

2.2 TREINAMENTO FÍSICO-MILITAR

Segundo a Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, existem diferenças marcantes entre os sexos quanto à fisiologia do exercício. Homens possuem maior volume de fibras musculares, possuem sistemas de transporte e de absorção de oxigênio, assim como órgãos e organelas envolvidos na respiração, maiores que os femininos, o que acarreta um desempenho aeróbico cerca de 20% acima do feminino. Já as mulheres além de possuírem uma força muscular absoluta média de 63,5% da força do homem, ainda possuem uma maior incidência de fraturas por estresse que os homens. (Fortes, 2015).

O treinamento físico militar sempre foi pensado para o condicionamento físico masculino, apesar de terem sido realizados testes para a realização e padronização dos índices femininos, o treinamento continua voltado para o sexo masculino. É certo que ainda estamos apenas engatinhando na preparação de futuras oficiais mulheres combatentes e que a ideia de um treinamento “diferenciado” gera desigualdades. De fato sim, porque já existe essa desigualdade fisiológica e o que se busca na Escola Preparatória de Cadetes do Exército, como o próprio nome já diz, é preparar. Preparar os futuros cadetes quer sejam homens ou mulheres, entregá-los no mesmo nível de condicionamento físico esperado dentro do sexo e para isso, seguindo o princípio de igualdade de Aristóteles (348-322 a.C), que na obra *Ética e Nicômano*, Livro V, diz: “tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais na medida de suas desigualdades”.

Nada mais é do que, dentro da desigualdade fisiológica, otimizar o treinamento feminino, principalmente de corrida, levando em consideração as diferenças fisiológicas. Em um primeiro momento, a realização de reforço muscular, modelo de treinamento que a Seção de Educação Física da EsPCEx já vem realizando com grande êxito desde 2019 e, realizar treinamento de corrida no início da formação mais lento e gradativo do que para homens, com o intuito de prevenir lesões, já que as mulheres sofrem mais, e, principalmente, instruí-las a melhorar a técnica e conhecer suas limitações e sinais do próprio corpo para que o treinamento seja efetivo. De nada adianta colocar todo mundo pra correr junto e sempre em intensidade forte. Essa mentalidade equivocada de treinamento causa lesões, o que gera custos médicos-hospitalares, infla o serviço de fisioterapia da EsPCEx, e reduz a qualidade nos atendimentos, e, em termos psicológicos a moral da aluno lesionada fica abalada uma vez que, além de prejudicar sua nota na disciplina de treinamento físico militar, na maioria das vezes necessitam ser dispensadas de atividades físicas e demais atividades acadêmicas e militares importantes para a formação.

Outro fator importante a ser discutido sobre o treinamento físico militar está no fato do gosto de pela atividade física ser um estímulo para a carreira. Estar bem preparada fisicamente, conseguir alcançar os índices exigidos, acompanhar a Cia Al nas corridas em forma aumenta a autoconfiança dessa aluno e impulsiona sua liderança. A partir do momento que essa aluna se vê motivada pela

atividade física ela entende que é capaz sim de estar onde está e que consegue, dentro de seus limites fisiológicos, liderar assim como um homem é capaz.

2.3 UNIFORMES

O Regulamento de Uniformes do Exército (RUE) determina o orienta todos os uniformes, acessórios previstos e condições de apresentação individual. Os uniformes femininos já são previstos no RUE no entanto, até bem pouco tempo as únicas mulheres que os utilizavam não eram da linha bélica e, obviamente alguns ajustes devem ser feitos no sentido de flexibilizar os uniformes masculinos para o segmento feminino.

A utilização de salto e saia por parte das mulheres ainda é o usual. A ideia de que é “feminino” ou mesmo é ‘bonito” persiste nos dias atuais, principalmente porque quem decide sobre os uniformes, na maioria das vezes, continuam sendo homens e quando mulheres são consultadas, são mulheres com demandas diferentes da linha bélica.

A inserção de mulheres na linha militar bélica está fazendo uma revolução no que se conhecia por mulher militar. As demandas da formação exigem que os uniformes sejam iguais para homens e mulheres. Um avanço nesse contexto é a utilização do sapato social masculino, em formaturas, para as integrantes da linha de ensino militar bélico do sexo feminino porém o Regulamento de Uniformes do Exército ainda não prevê tal uso.

Outro ponto a ser questionado é a ausência de bolsos nas calças sociais verde-oliva, cinza claro e branca dos uniformes femininos (Figura 1). Como a calça feminina não prevê a existência de bolsos e a bolsa preta prevista no RUE , além de ser difícil de encontrar no modelo determinado, não é permitida em algumas situações. Sugere-se então que a calça feminina tenha os mesmos bolsos existentes na calça masculina (Figura 2), traseiros e laterais (BRASIL, 2015).

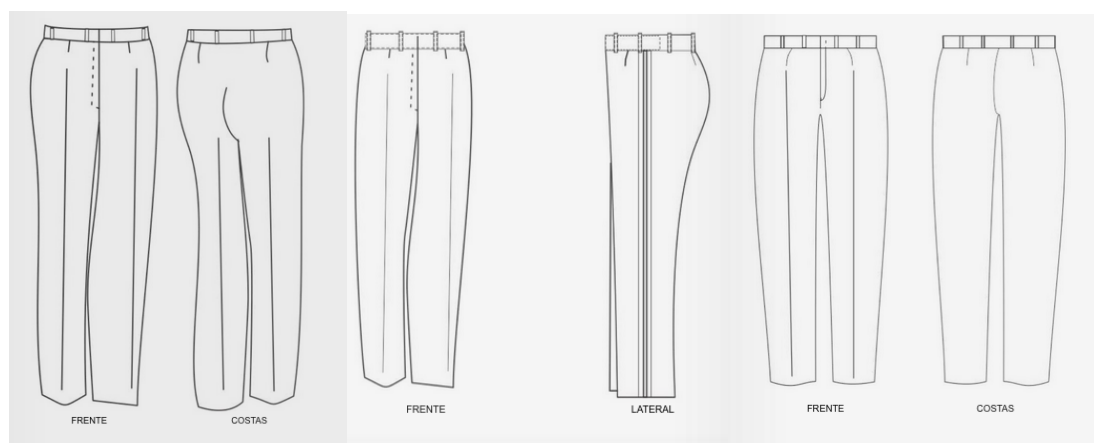


Figura 1: Modelos das calças femininas branca, cinza-claro e verde-oliva ((BRASIL, 2015 – RUE online - <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820670b6a84856d9> acessado em : 08/03/2023)

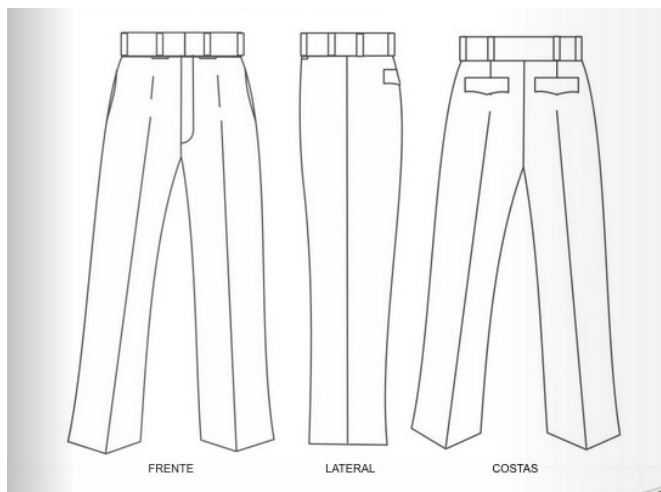


Figura 1: Calça verde-oliva utilizada nos uniformes masculinos (BRASIL, 2015 – RUE online - <https://www.calameo.com/exercito-brasileiro/read/00123820670b6a84856d9> acessado em : 08/03/2023)

Deve-se destacar também que, nas demais Forças a calça feminina com bolsos já é utilizada como pode ser verificado no Regulamento de Uniformes (RUMB) da Marinha do Brasil (RUMB, acessado em 20/04/2023) e na Aeronáutica conforme descrito na Portaria GABAER N°57/GC4 de 2021 (BRASIL, 2021).

Aos poucos essas demandas estão sendo atendidas. Na cerimônia do Aspirantado da primeira turma formada na AMAN, em 2021, com integrantes do sexo feminino, foi utilizado o 4º uniforme com calça e sapato masculino pelas aspirantes. Na EsPCEEx, durante o desfile de 7 de setembro de 2022, as alunos puderam também utilizar o sapato masculino com o uniforme 2º EsPCEEx.

3. CONCLUSÃO

Por mais que as mulheres tenham adquirido o direito de ingressar nas Forças Armadas como oficial da linha militar bélica, muitos ainda são os desafios durante a formação. Os diferenciais instituídos a muito entre homens e mulheres ainda estão enraizados em nossa população de uma forma geral.

Diferenças biológicas entre os sexos existem e são inegáveis, porém não podem ser levadas em consideração em todos os sentidos, principalmente na realização de atividades laborativas, quando estas podem ser executadas com eficiência, tanto por homens, quanto por mulheres.

Para uma formação mais coesa entre sexo masculino e feminino algumas barreiras estruturais precisam ser quebradas como o exemplo da distância dos alojamentos e dos espaços de convivência segregados. É de suma importância que homens e mulheres realizem o máximo de tarefas em conjunto

no nível pelotão e companhia para que todos sintam-se parte do todo. A utilização do mesmo uniforme também auxilia na identidade única de aluno independente de ser homem ou mulher.

O treinamento físico seria o único ponto em que precisaríamos ter uma diferença para respeitar as diferenças fisiológicas de ambos os sexos. Desta forma um treinamento mais individualizado tanto para homens quanto para mulheres teria mais efeito, reduzindo dessa forma o número e a gravidade das lesões e , melhorando sobremaneira a autoconfiança das mulheres.

A chave para o sucesso da formação de mulheres na linha militar bélica está na inserção de fato das mulheres no dia a dia das Cia Al. E na mudança de mentalidade dos militares que participam do processo de formação, uma vez que os exemplos sejam positivos ou negativos acabam sendo seguidos e padrões de comportamento repetidos pelos alunos. A mulher na linha militar bélica é uma realidade e um grande avanço para o Exército Brasileiro.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Defesa, www.gov.br/defesa/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/primeiras-aspirantes-a-oficiais-do-exercito-formam-se-pela-aman, publicado em 28/11/2021, acessado em 11/04/2023.

IBRASIL, Presidência da República, *Lei 12.705 de 08 de agosto de 2012*, DF, 2012.

FORTES, M., MARSON, R., MARTINEZ, E., *Comparação de desempenho físico entre homens e mulheres – Revisão da Literatura* ResearchGate, 2015 (www.researchgate.net/publication/292059664_COMPARACAO_DE_DESEMPENHO_FISICO_ENTRE_HOMENS_E_MULHERES_REVISAO_DE_LITERATURA acessado em 14/09/2022).

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KRAUSZ, C.S.T. ; *A Sociometria e o Início da Formação do Perfil Profissiográfico no Ensino Superior Militar*, Revista Pedagógica EsPCEX, 19ª ed, Campinas, 2018.

BRASIL, Ministério da Defesa, *Portaria nº 1.424 de 8 de outubro de 2015*, RUE 3ª ed, DF, 2015.

RUMB - *Regulamento de Uniformes da Marinha do Brasil* - TÍTULO VI – RELAÇÃO E CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS PEÇAS DE UNIFORMES DA MB CARACTERÍSTICAS GERAIS DAS PEÇAS DE UNIFORMES DA MB - https://www.marinha.mil.br/dabm/sites/www.marinha.mil.br/dabm/files/rumb/vi_t6_c6-2.pdf, acessado em 20/04/2023.

BRASIL, Ministério da Defesa, Portaria GABAER nº57/GC4, de 16 de março de 2021, atualização do Regulamento de Uniformes para os Militares da Aeronáutica, DF, 2021.